

MEMÓRIA DA CIDADE: O ESPAÇO COMO ELEMENTO FORMADOR DA NARRATIVA EM *BECOS DA MEMÓRIA*

Rosineia da Silva Ferreira (UNB)¹
Celiomar Porfírio Ramos (UNEMAT)²

Resumo: Este trabalho tem como objetivo realizar algumas considerações acerca do espaço como elemento formador da narrativa na obra *Becos da Memória* (2006), de autoria de Conceição Evaristo (2006). Para essa proposta de análise interpretativa será considerado o plano do espaço como elemento que constitui a narrativa e contribui para a compreensão artística da obra para de modo que este elemento seja constitutivo da narrativa, não se tratando apenas de um segundo plano para o desvelar dos acontecimentos. Narrativa essa que se dá a partir das memórias coletivas que a autora tem de sua vivência na favela em seu tempo de criança que se transpõem para a história como as memórias e narrativas da personagem Maria-Nova. A linha de pesquisa na qual se insere este trabalho é literatura e vida social e, por isso, tomando o texto literário para refletir sobre a sociedade.

Palavras-chave: Espaço; Memória; História.

1. Introdução

É sabido que o espaço é elemento fundamental para a criação de uma narrativa, seja ela ficcional ou não. O espaço está presente sempre e junto com o tempo e o enredo compõe uma obra literária. Note-se que é muito difícil compor uma narrativa literária sem descrever o tempo e o espaço em que ela tenha ocorrido, pois estes são elementos fundamentais.

Desta maneira, a proposta deste trabalho é realizar uma análise da obra *Becos da memória* (2017), de Conceição Evaristo, sob a perspectiva da obra como uma escrita de si, na qual a autora, tendo como base suas memórias e mesclando sua criatividade para compor a história, narra as histórias dos personagens que vivem em uma favela que está passando por um processo de desfavelamento. Tais personagens estão intimamente ligados ao local onde vivem e ao perceberem que o desmonte da favela é real, refletem sobre suas vidas, suas condições e sobre o que representa aquela favela para eles.

A base teórica de tal análise visa situar os espaços na literatura a partir das obras: *Breve História do Espaço na Teoria Literária* (2005) e *Espaços Literários e suas*

¹ Mestranda em Estudos Literários (UNB), Graduada em Letras (UFMT). Contato: rosineia_ferreira@yahoo.com.br

² Doutorando em Estudos Literários (UNEMAT), Mestre em Estudos de Linguagem (UFMT), Graduado em Letras e Comunicação Social – habilitação em Jornalismo (UFMT). Contato: celiomarramos@hotmail.com

Expansões (2007) de Luis Alberto Brandão; *Espaço e Literatura: Introdução à topoanálise* (2007) de Oziris Borges Filho e *Corpo utópico, as heterotopias* (2013) de Michel Foucault.

Na sociedade atual a favela é um lugar de exclusão da parcela mais pobre da população. Neste sentido, podemos afirmar que a favela se tornou um heterotopo. Heterotopo, segundo Michel Foucault, é um *contraespaço*, ou seja, um espaço “reservado aos indivíduos cujo comportamento é desviante relativamente à média ou à norma exigida” (FOUCAULT, 2013, p. 22).

Para as questões relacionadas a espaço e memória, será utilizada a obra *Espaços da recordação* (2011) de Aleida Assmann que aborda o espaço como elemento formador da memória. Ainda sobre memória e sua importância para a criação literária, recorreremos à obra *A memória, a história, o esquecimento* (2007) de Paul Ricoeur, dentre outras que subsidiarão as discussões concernentes ao tema proposto.

2. O espaço como elemento intrínseco à obra *Becos da Memória*

As obras literárias proporcionam diversos caminhos interpretativos, sejam eles por aspectos intrínsecos, tais como personagem, espaço, tempo ou os elementos extrínsecos, tais como História, Psicologia ou outros campos de conhecimento que ajudam a constituir uma obra.

No que se refere à obra *Becos da memória*, de Conceição Evaristo, e para essa proposta interpretativa, será considerado o plano do espaço como elemento que constitui a narrativa e contribui para a compreensão artística da obra, de modo que este elemento seja essencial para a narrativa, não se tratando de pano de fundo para o desvelar dos acontecimentos.

A opção por uma interpretação baseada no espaço da obra não conflita com seus outros elementos constitutivos, pelo contrário, tal análise visa esclarecer como este elemento coaduna-se aos outros, pois todos estes estão inter-relacionados de forma que esta abordagem não se torna limitadora, mas explicitadora do aqui proposto. Conforme nos ensina Foucault:

Não vivemos em um espaço neutro e branco; não vivemos, não morremos e não amamos no retângulo de uma folha de papel. Vivemos, morremos e amamos em um espaço esquadrado, recortado, multicor,

com zonas claras e sombras, diferenças de níveis, degraus, cavidades, protuberâncias, regiões duras e outras quebradiças, penetráveis, porosas (FOUCAULT, 2009, p. 23-4).

O enredo de *Becos da memória* se passa em uma favela que está em processo de “desfavelamento” e a partir das memórias de Maria-Nova, personagem condutora da narrativa. A partir das memórias da personagem e de sua perspectiva, ela conta a história de vários personagens que numa simbiose, também é a história da própria favela, desde a sua constituição até o seu desaparecimento. Tal evento ocorrerá ao final da narrativa, por meio do processo de desfavelamento que tirará daquele espaço todos os moradores, devendo eles procurarem outros lugares da cidade para morar.

Antes de abordarmos a obra diretamente, serão feitas algumas considerações importantes, a respeito do campo em que se situa a proposta de análise dela, ou seja, o espaço na literatura.

O espaço pode ser um indicador de características das personagens, por situá-los em seus contextos de vivência, de forma que suas ações possam ser previsíveis devido ao espaço em que eles estão inseridos. Geralmente “esses espaços são fixos da personagem, são espaços em que elas moram ou frequentam com grande assiduidade” (BORGES FILHO, 2007, p. 35).

Quanto à influência dos espaços nas personagens e sua influência na narrativa, Borges Filho afirma ainda que “não é o espaço que influencia a personagem, mas o contrário: a personagem transforma o espaço em que vive, transmitindo-lhe suas características ou não”. (2007, p. 39).

Consoante a isso, Luis Alberto Brandão, na obra *Breve história do Espaço na teoria literária* (2005), afirma que as representações espaciais “variam de acordo com a relação que cada época e cultura possui com o espaço, relação que abraça possibilidades de percepção e uso, definidas por intermédio de condicionantes econômicos, sociais e políticos” (2005, p. 1). Tal abordagem é vasta e engloba a visão de outras áreas do conhecimento sobre espaço.

Embora não seja a que vamos tomar como fio condutor desta análise, podemos perceber por meio dela que a representação do espaço apresenta variações segundo as percepções do período em que está inserida. Deste modo, devemos observar que a literatura produzida reflete os condicionantes citados por Brandão, para assim partirmos para a análise do elemento intrínseco à literatura, a saber, o espaço.

O espaço, segundo Brandão, era tratado “apenas como categoria identificável em obras”, mas a partir do Estruturalismo, da teoria da recepção e dos Estudos Culturais entre as décadas de 60/70 do século passado, o espaço passa, então, a ser tratado como “sistema interpretativo, modelo de leitura, orientação epistemológica” (Id, p. 120), passando a perceber o espaço como próprio à linguagem, pensando nele como sistema de organização e de significação.

A partir dessa perspectiva, o espaço começa a ser investigado de forma abrangente com suas “relações entre real, fictício e imaginário (BRANDÃO, 2005, p. 127). Com a ampliação do campo de investigação sobre o espaço Brandão afirma que:

[...] deve-se pensar também na existência de um *discurso espacial*, conjunto de produtos, com graus variados de formalização incluindo-se aí, sem dúvida, a própria Literatura, mas também os discursos científicos e filosóficos no qual se concretiza, além de um sistema conceitual e operacional, um quadro de referências simbólicas e um conjunto de valores de natureza cultural a que genericamente se denomina *imaginário espacial*. (2005, p. 127)

Brandão considera o espaço como linguagem, a partir do entendimento da existência da espacialidade da linguagem, pois segundo ele, “a linguagem é espacial porque é composta de signos que possuem materialidade” (2007, p. 212).

O espaço pode influenciar as experiências das pessoas e com isso influenciar também seus modos de vida, de forma que essas influências serão refletidas em suas memórias e culturas. Para Aleida Assmann, os espaços podem ir além disso, pois eles podem tornar-se sujeitos, portadores da recordação e possivelmente dotados de uma memória, que ultrapassa amplamente a memória dos seres humanos (2011, p. 317). Esses espaços passam de geográficos a espaços da recordação que, segundo Assmann,

[...] são fragmentos irrompidos da explosão de circunstâncias de vida perdidas ou destruídas. Pois, mesmo com o abandono e a destruição de um local, sua história ainda não acabou; eles retêm objetos materiais remanescentes que se tornam elementos de narrativas e, com isso, pontos de referência para uma nova memória cultural. (2011, p. 328).

Por isso, o local não deve ser entendido como pano de fundo para o desenrolar de uma narrativa, ele deve ser considerado como elemento composicional da obra, pois como nos mostra Assmann “o local específico não se torna relevante apenas enquanto

cenário do que acontece, mas ganha também um novo significado enquanto cenário do conceber literário, do escrever e da leitura” (2011, p. 342).

A favela de Maria-Nova, narrada a partir das memórias e das criações ficcionais de sua autora, Conceição Evaristo, constitui um heterotopo. Desta forma, é possível ver que o espaço da favela nesta obra pode ser concebido como um outro lugar, um lugar separado que se torna uma contestação de todos os outros lugares, pois ao mesmo tempo em que esta favela existe pela narrativa da protagonista ela não existe na realidade, tornando-se um lugar sem lugar, um espaço nascido e criado somente no campo ficcional, no interstício das palavras e na espessura de sua narrativa.

Nesta obra a autora nos mostra os lugares de sua memória, lugares ocupados por pessoas e histórias que preenchem cada canto dos becos, nos quais estas pessoas viveram um dia e que precisam ser eternizados por meio de suas palavras, dando vida a um lugar hoje inacessível, lugar que representa as vivências da autora, da personagem protagonista e de todos os outros personagens que compõem um lugar irreal formado de histórias reais. Assim os lugares são constitutivos dessas histórias e desses personagens.

Paul Ricouer (2007), ao discutir memória e história levanta a discussão entre o que é memória e o que é imaginação, e questiona quando a reprodução é reprodução do passado, pois ele afirma que a partir dessa questão é que podemos diferenciar imaginação e memória. Assim, Ricouer (2007) afirma que as lembranças não são individuais, elas são de todo o meio ao qual o indivíduo está inserido, pois como afirma o autor:

Não nos lembramos somente de nós, vendo, experimentando, aprendendo, mas das situações do mundo, nas quais vimos, experimentamos, aprendemos. Tais situações implicam o próprio corpo e o corpo dos outros, o espaço onde se viveu, enfim, o horizonte do mundo e dos mundos, sob o qual alguma coisa aconteceu (RICOUER, 2007, p. 53).

Neste sentido, podemos afirmar que pela evocação laboriosa das memórias secundárias de Conceição Evaristo, ela constrói a narrativa de sua personagem ficcional de um lugar memorável.

Lugares memoráveis, segundo Ricouer, são lugares notáveis, importantes, que ficam gravados na memória, como os locais históricos ou locais de grande importância pelas vivências. O lar, segundo ele, o local que habitamos “constitui a mais forte ligação

humana entre a data e o lugar. Os lugares habitados são, por excelência, memoráveis” (2007, p. 59).

Assim, podemos afirmar que os lugares ajudam na constituição das memórias, por isso uma narrativa memorialística incorpora o espaço como elemento formador de sua narrativa por meio da memória. Neste sentido Ricouer afirma que:

A transição da memória corporal para a memória dos lugares é assegurada por atos tão importantes como orientar-se, deslocar-se, e, acima de tudo, habitar. É na superfície habitável da terra que nos lembramos de ter viajado e visitado locais memoráveis. Assim, as “coisas” lembradas são intrinsecamente associadas a lugares. E não é por acaso que dizemos, sobre uma coisa que aconteceu que ela teve lugar. É de fato nesse nível primordial que se constitui o fenômeno dos “lugares de memória”, antes que eles se tornem uma referência para o fenômeno histórico. (RICOUER, 2007, p. 57-58).

Os lugares de memória funcionam como suportes que ajudam a memória, ajudam-na a não falhar. Eles funcionam como documentos que auxiliam a memória a fixar informações a rememorar-las. Assim, os locais que são usados como habitação, ou como lar, têm mais potencial memorialístico, pois o lar é o primeiro ponto de referência para as experiências humanas, pois os lares não são lugares neutros, eles são “paradoxalmente tanto o local de descoberta de si mesma quanto o ponto sem volta” (CHANCY, 1997, p. xi in: ALMEIDA, 2015, p. 68).

2.1 Espaços da memória em *Becos da memória*

A obra *Becos da memória* é construída a partir das “escrevivências” de Conceição Evaristo, que empresta suas palavras e suas memórias a Maria-Nova para que ela conte a história das pessoas da favela onde ela viveu sua infância e início da adolescência. Assim, ela não escreve suas memórias em um livro autobiográfico. A autora compõe uma história ficcional onde ela coloca suas lembranças e ao mesmo tempo narra as histórias de vida de outras pessoas que também viviam naquele lugar, tudo a partir da perspectiva da personagem Maria-Nova, como podemos verificar no excerto seguinte:

Escrevo como uma homenagem póstuma à Vó Rita, que dormia embolada com ela, a ela que nunca consegui ver plenamente, aos bêbados, às putas, aos malandros, às crianças vadias que habitam os becos de minha memória. Homenagem póstuma às lavadeiras que madrugavam os varais com roupas ao sol. Às pernas cansadas, suadas,

negras, alouradas de poeira do campo aberto onde aconteciam os festivais de bola da favela. Homenagem póstuma ao Bondade, ao Tião, ao Tio Totó, ao Pedro Cândido, ao Sô Noronha, à D. Maria, mãe do Aníbal, ao Catarino, à Velha Lia, à Terezinha da Oscarlinda, à Mariinha, à Donana do Padin.

Homens, mulheres, crianças que se amontoaram dentro de mim, como amontoados eram os barracos de minha favela. (EVARISTO, 2017, p. 17)

Conceição Evaristo ambienta a narrativa da obra na favela pelas lembranças das histórias que Maria-Nova carrega das histórias que ela ouviu das pessoas mais velhas de sua família ou de moradores da favela. E as observações dela a faz perceber que a favela carrega a representação das senzalas de outrora, pois Maria-Nova “percebia a estreita relação de sentido entre a favela e a senzala (...) e tinha para contar sobre uma senzala de que hoje, seus moradores não estavam libertos, pois não tinham nenhuma condição de vida” (137;150). E as histórias vividas pelos personagens que vivem na favela representam também a vida de seus antepassados que escravos ou livres viveram as mesmas mazelas e as mesmas misérias que o povo da favela sempre vive. Assim, o espaço além de apresentar o ambiente onde se passam as histórias de vida desses personagens também representa os povos que não tiveram voz em outro tempo.

Desta maneira, a autora dá vida a favela, tornando-a quase um personagem como podemos observar nos excertos seguintes “além dos festivais de bola, um outro momento em que *a favela respirava alegria era nas festas juninas*”. (EVARISTO, 2017, p. 43) e *os becos mais próximos escutaram os soluços, os gritos do homem queimando sua dor* (EVARISTO, 2017, p.113); ou no trecho em que “Totó mandou um recado para a cozinha da fazenda” (EVARISTO, 2017, p. 51) sendo este recado para Nega Tuína, moça com quem queria se casar.

Outro trecho que personifica a favela é quando já ao final do processo de desfavelamento em que afirma que “no local onde estavam os barracos dos que tinham ido pela manhã, agora só restava um grande vazio. *Era como um corpo que aos poucos fosse perdendo os pedaços*” (EVARISTO, 2017, p. 87) em que a favela é apresentada como um ser que respira e ouve condições tipicamente de seres vivos, e depois, já no momento em que a favela está bem vazia pela saída dos moradores a expressão corpo que perde os pedaços apresenta a favela como unidade e personagem que faz parte do enredo.

A medida em que a favela representa um personagem ela influencia os fatos e as ações dos personagens. Algumas ações são condicionadas pelo ambiente em que vivem, de modo a representar uma metáfora das situações vivenciadas por eles dos personagens.

Tais representações metafóricas das situações de suas personagens ocorrem ao longo de toda a narrativa. Tio Totó, Vó Rita e Bondade representam a existência da favela, desde sempre, pois há personagens que parecem que fundaram a favela, nasceram junto com ela “ela e alguns outros davam a impressão de que sempre estiveram ali. De que até nasceram, ou melhor, de que até geraram a favela” (EVARISTO, 2017, p. 107).

Enquanto alguns personagens representam a existência da favela como um corpo outro, com nome muito sugestivo, representa sua alma, Bondade. Ele é um personagem quase fantasma, onisciente, que é amigo de todos na favela, que conhece a todos e que não mora em nenhum barraco, tal personagem aparenta ser os olhos da favela que a todos vê e que a todos conhece:

Bondade conhecia todas as misérias e grandezas da favela. Ele sabia que há pobres que são capazes de dividir, de dar o pouco que têm e que há pobres mais egoístas em suas misérias do que os ricos na fortuna deles. Ele conhecia cada barraco, cada habitante. Com jeito, ele acabava entrando no coração de todos (...) era um homem pequeno, quase miúdo, não ocupava muito espaço. Daí, talvez, a sua capacidade de estar em todos os lugares (EVARISTO, 2017, p. 35)

Bondade não morava em lugar algum, a não ser no coração de todos (EVARISTO, 2007, p. 178)

A posição do barraco de Dora em esquina que se bifurcava em três becos que originavam outras ruelas, fazia com que a passagem por sua porta fosse obrigatória “passar na porta de Dora era um caminho obrigatório para quase todos” (EVARISTO, 2017, p. 90) o que representa a situação amorosa dela, uma mulher livre que tem seus amores e é bem resolvida com suas escolhas.

A situação da personagem Ditinha é representada pelos becos, pois após furtar a joia da patroa se sente sufocada encontra-se numa situação irresolúvel, andando pela favela se sentia em um labirinto, como descrito no trecho “a favela era grande e toda recortada por becos. Alguns becos tinham saída em outros becos, outros não tinham saída nunca. Eram como ruas estreitas que se cruzavam, que se bifurcavam” (EVARISTO, 2017, p. 120), Ditinha se encontrava nesta situação labiríntica, e ao procurar uma saída sempre se deparava com sua situação problemática “viu um beco a sua frente. Entrou nele

procurando saída. Saiu em cima de um monturo de lixo. O beco acabara ali, era preciso voltar” (...) “Ela procurava uma saída” (EVARISTO, 2007, p.121), uma saída para a situação que se colocara e não uma saída dos becos.

Ainda como metáfora da situação de Ditinha, podemos relacionar com fim que a joia levava, pois por diversas vezes ela pensa no que fizera como uma grande merda, “Que merda! Que vida! Estava tudo difícil e ela complicou-se mais ainda pegando o broche de dona Laura. O cheiro da fossa, a merda que ela havia feito!” (EVARISTO, 2017, p. 120-121)

Ditinha já em desespero não sabe o que fazer com a pedra e vai ao banheiro para retirar a peça do seio, acidentalmente a deixa cair dentro da fossa e assim ela some em meio às bostas.

Como esperado a polícia vai a sua procura e ao ser interrogada, sobre o destino da joia, em meio ao desespero, ao medo e ao ódio exclamou: “- Merda! Merda! Eu joguei a pedra na merda, já que querem saber” (EVARISTO, 2017, p. 125).

O processo de desfavelamento que estava em curso causava grande angústia para todos os moradores e, neste contexto, Maria-Nova representa as dúvidas, os medos, pois apesar de aquele lugar não ser o ideal era o que aquele povo tinha, era o acesso ao trabalho e aos meios de vida menos difícil por isso, ninguém queria sair dali, pois este era o lugar que consideravam seu lar:

Maria-Nova sabia que a favela não era o paraíso. Sabia que ali estava mais para o inferno. Entretanto, não sabia bem por quê, mas pedia muito à Nossa Senhora que não permitisse que eles acabassem com a favela, que melhorasse a vida de todos e que deixasse todos por ali. (EVARISTO, 2007, 46)

Todos sabiam que a favela não era o paraíso, mas ninguém queria sair. Ali perto estava o trabalho, a sobrevivência de todos. O que faríamos em lugares tão distantes para onde estávamos sendo obrigados a ir? (EVARISTO, 2007, 71)

Maria-Nova também representa a esperança de uma vida nova, a esperança de que dias melhores viriam com tais mudanças, ela era ainda menina e ao pensarem em seu futuro tinham esperanças de dias melhores como no trecho a seguir: “o que seria quando crescesse? Mãe Joana, Maria Velha, Tio Tatão, todos diziam que a vida para ela seria diferente. Seria?! Afinal ela estava estudando. (EVARISTO, 2017, p. 110).

O espaço determina as ações dos personagens e seus valores devido a sua localização espacial na cidade, tal situação é apresentada pelos filhos de Ana do Jacinto que andavam sempre acompanhados de “(...) “filhinhos de papai”. Rapazes de lambreta subiam e desciam o morro” (EVARISTO, 2007, p. 156) que o esvaziar da favela revelou outros vícios que o amontoado de barracos escondia até então e por isso a polícia levou os filhos de Ana, e os rapazes das lambretas ficaram sem subir o morro e eram vistos “lá na praça, rapazes alegres, bem vestidos, brincavam, conversavam ao sol. Eram tidos como jovens contestadores, estudantes intelectuais. Os filhos da Ana do Jacinto, jovens vagabundos, perturbadores, marginais. (EVARISTO, 2007, p. 157), esta comparação entre os filhos de Ana e os rapazes filhos de papai, segundo a autora, revela o tratamento diferenciado dado aos rapazes da favela e aos rapazes que não moravam lá.

Os tratores que estavam presentes na favela eram intrusos, que representavam o povo de fora, os inimigos que tanto mal causavam ao povo de lá. Causaram a morte dos homens-vadios-meninos e depois a doença do menino Brandino que ficou “morto-vivo, bobo, alheio, paralítico”. (EVARISTO, 2017, p. 80) e aqueles tratores passaram a representar mais dor e sofrimento, “aqueles tratores só eram lembranças de dores. Dores pelos que já haviam ido, pela morte dos homens-vadios-meninos e pelo que aconteceu com Brandino” (EVARISTO, 2007, 81). Os tratores, esses monstros pesadões, que depois de ceifar a vida dos homens-vadios-meninos e adoecer o menino Brandino, continuavam a trabalhar para acabar com a favela:

[...] os tratores continuavam firmes o trabalho na favela. O dia inteiro era um infernal barulho. Um sobe-desce, um vai e vem do monstro pesadão. Os terrenos em declive, os buracos, os restos de barraco eram soterrados rapidamente. (EVARISTO, 2017, p. 128).

Os tratores traziam o medo, e conforme a favela ia sendo desmontada a vida na favela ia se acabando, pelos que se mudavam e pelos que a vida foi sendo levada, como Cidinha-Cidoca que “representava a vida na favela (...) e morreu de não viver” (EVARISTO, 2007, p. 158). E Tio Totó que parecia ter nascido junto com a favela e morreu antes de mudar-se, “era Tio totó sendo levado de roldão (...) desta vez era Totó que ficara do lado de La, era ele que não conseguia fazer a travessia, que não conseguira alcançar a outra banda do rio” (EVARISTO, 2017, p. 178).

Assim, pouco a pouco, família por família, pessoa por pessoa foi sendo retirada daquela favela e levadas para outro lugar deixando para trás o lugar que eles amavam e acreditavam que era deles. E os becos antes cheios de vidas foram sumindo como se nunca tivessem existido e o silêncio tomou conta de onde antes havia tanta vida.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da análise interpretativa tendo como viés o espaço como elemento formador do romance *Becos da Memória* (2017), de Conceição Evaristo, foi possível perceber, conforme a proposta de trabalho que o elemento espaço na literatura está presente não como um adorno para a narrativa, mas sim como um personagem personificado que além de compor a narrativa influencia outros personagens e suas ações. A apresentação do espaço desnuda características e ações que se justificam devido ao local em que estão inseridos os personagens e suas ações, assim, é possível perceber a importância do espaço para uma narrativa.

Desta maneira, ao compor a obra tendo como elemento central o espaço da narrativa, a autora narra sua história e as histórias das pessoas que a cercavam e também compunham aquela mesma favela. Evaristo, dessa maneira, faz uso de recursos literários que a possibilitam apresentar e representar pessoas e comunidades que não são ouvidas ou representadas socialmente.

Pode-se afirmar então que a proposta de trabalho tendo como elemento central de análise o espaço como elemento intrínseco à obra é de suma importância para sua composição narrativa, que ele, o espaço, tornando-se assim o fio condutor para as narrativas das memórias contadas ou inventadas da autora.

Assim, a problemática central proposta neste trabalho de análise interpretativa foi confirmada e foi possível perceber que o espaço é determinante para a obra em epígrafe, no entanto ele deve estar intrinsecamente ligado as histórias dos personagens, pois ele sozinho não constitui a narrativa.

4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Sandra Regina Goulart. *Cartografias contemporâneas: Espaço, corpo, escrita*. Rio de Janeiro: 7letras, 2015.

ASSMANN, Aleida. *Espaços da recordação: Formas e transformações da memória cultural*. Tradução: Paulo Soethe. Campinas – SP. Editora da Unicamp, 2011.

BORGES FILHO, Oziris. *Espaço e Literatura: Introdução à topoanálise*. Franca – SP, Ribeirão Gráfica e Editora, 2007.

BRANDÃO, Luis Alberto. *Breve História do Espaço na Teoria Literária*. In *errados: Revista do Programa de Pós-Graduação em Literatura*. n°. 10, ano 14, 2005, p.125-134.

_____. “Espaços Literários e suas Expansões”. In *Aletria*. v. 15, 2007.

EVARISTO, Conceição. *Becos da memória*. Rio de Janeiro: Pallas, 2017.

FOUCAULT, Michel. *O corpo utópico, as heterotopias*. Tradução Salma Tannus Muchal. São Paulo: N-1 Edições, 2013.

RICOUER, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Tradução: Alain François [ET AL], Campinas – SP